

PERFIL E FIDELIDADE DA CRÔNICA NOS JORNAIS DE LONDRINA¹

Marina Casagrande

RESUMO

Este estudo visa analisar a valorização e o espaço que o gênero literário e jornalístico crônica ocupa nos jornais Folha de Londrina e Jornal de Londrina. A análise foi desenvolvida com embasamento nos principais pesquisadores históricos e conceituais da área, como Antônio Cândido e Afrânio Coutinho e na coleta, durante três semanas, das crônicas publicadas nos dois jornais.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo; Crônica; Jornal de Londrina; Folha de Londrina.*

INTRODUÇÃO

O Jornalismo Literário acrescenta diferentes fatores ao jornal impresso: alguns leitores consideram uma leitura de “pausa” para o formato objetivo do jornal; outros procuram uma moral da história no último parágrafo mesmo que muitos cronistas afirmem que escrevem sem pretensão.

Para estudantes de Jornalismo, este estudo acrescenta no exercício de construção e criatividade. É na crônica que o Jornalismo foge dos padrões “objetividade, imparcialidade e *leads*”, ou seja, é neste gênero que o estudante enriquece seu repertório de palavras e desenvolver a criatividade.

Em relação aos jornais impressos, especificamente a Folha de Londrina e o Jornal de Londrina, o estudo é importante para valorizar a crônica, que vêm perdendo espaço para matérias reduzidas e dirigidas aos modelos virtuais. Aprofundar a questão é importante para posicionar Londrina na área do Jornalismo literário, pois a cidade possui dois impressos de grande circulação e um escritor de destaque nacional, Domingos Pellegrini.

O objetivo é analisar o perfil e a fidelidade com o gênero crônica que os jornais de Londrina reservam às crônicas e como estes trabalham a transição entre o texto jornalístico e literário. Além disso, será verificada a relação das crônicas com as reportagens do dia.

Para isso é necessário, em primeira instância, entender o conceito de crônica e a integração que existe entre a Literatura e o Jornalismo.

¹ Artigo apresentado ao curso de Comunicação Social-habilitação em Jornalismo da Faculdade Pitágoras de Londrina-PR, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Ms. Lucas Araújo (DEZ/2007).

Inicialmente, foi feito um levantamento bibliográfico e teórico sobre o Jornalismo Literário, especificando a origem e história deste gênero.

A análise de valorização que os jornais londrinenses conferem à crônica foi realizada a partir da coleta das edições, dos dias 17 de setembro a 7 de outubro de 2007, de dois jornais considerados de maior circulação pela cidade: Jornal de Londrina, um impresso compacto, distribuído gratuitamente, com uma variável de 24 páginas e três editorias, sendo elas Geral, Esporte e Divirta-se; e a Folha de Londrina, um jornal com maior número de páginas, que possui 19 editorias em um número de páginas variável entre 12 a 78 páginas. O impresso é vendido a R\$ 1,50 durante a semana e R\$ 2,50 aos domingos.

As crônicas que foram publicadas neste período foram analisadas em questões de: espaço do jornal (em cm) reservado ao gênero; perfil e estilo de texto e nível de regionalidade dos autores.

CONCEITO HISTÓRICO DA CRÔNICA

A crônica é um estilo literário que, ao se aprofundar no assunto, o próprio pesquisador descobre que se trata de um gênero dividido entre diferentes estilos e classificações. Para José de Marques Melo (2003), desde o início, a crônica já era entendida como narração de fatos, do contexto mitológico até o religioso e, principalmente, considerada um documento para a posteridade.

A literatura nomeou a crônica como a maneira de representar, pela brincadeira do real com opinião/criação do escritor, a expressão de uma determinada época. Melo descreve que a atividade dos “cronistas” estabeleceu a fronteira entre o registro de fatos, mesclados com lendas e mitos, e a história narrativa, com a descrição de ocorrências extraordinárias baseadas nos princípios da verificação e da fidelidade.

Menezes (2005), experiente cronista de jornal, ensina que a crônica se nutre do mundo real, onde encontra inspiração, assuntos e força para escrever um texto por dia. Por isso, o cronista é um sujeito que circula, ouve, olha e conversa. Dessa forma, a crônica, na forma de linguagem e estilo, é transformada de acordo com o autor, leitor e, até mesmo, época.

É preciso convir que se trata de um gênero jornalístico que assume especificidades nacionais, permeando que a crônica se acha pela subjetividade dos escritores-jornalistas, cuja atuação pública incorpora inegavelmente os traços culturais das sociedades em que vivem e que reproduzem através da imprensa. (MELO, 2003:142)

O gênero nasceu praticamente junto com o Jornalismo. Antônio Cândido descreve que,

antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da seção “Ao correr da pena”, título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos, o “folhetim” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. (CÂNDIDO, 1992:15)

Afrânio Coutinho distinguiu o “acento lírico” que as primeiras manifestações da crônica tinham na imprensa brasileira do século XIX.

Quem percorrer os jornais desse período observará que, no seu bojo, atenuando as exuberâncias da paixão política, insinuava-se algo que tinha principalmente um objetivo: entreter. Era a crônica, destinada a condimentar de maneira suave a informação de certos fatos da semana ou do mês, tornando-a assimilável a todos os paladares. (COUTINHO, 1971:110-111)

Para Coutinho, o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro. Ali, assinava o “folhetim semanal”. Seus continuadores são José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc.

No Brasil, a crônica brasileira assumiu feição de gênero tipicamente nacional na década de 30. É Antônio Cândido quem sugere seu marco histórico:

Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Os anos 30 se afirmaram Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certo modo seria “o” cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga. (CÂNDIDO, 1992:17)

Por isso, Cândido (1992) defende que a “crônica, sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”.

CARACTERÍSTICAS

Davi Arrigucci Jr. (1987) posiciona a crônica, em si, como um produto moderno, que sobrevive com os choques das novidades, ao consumo imediato, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna. No entanto, mesmo com esta característica rápida e fugaz, ao mesmo tempo, a crônica adquire espessura de texto literário ao elaborar uma linguagem interna mais complexa, com penetração psicológica e social, força poética, humor e, como resultado, uma forma de conhecimento da realidade e história de uma sociedade.

Luiz Roncari (1985, p.14) complementa que a crônica exerce a função de atrair o leitor “em busca de uma voz ou um espírito que o coloque numa relação emotiva com o mundo”.

É nesta simplicidade de relatos da vida cotidiana que Antônio Cândido, também enfatizando o gênero voltado para a proximidade com o leitor, mostra que a crônica

elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado. (...) Por serem leves e acessíveis, talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia. (CÂNDIDO, 1992:13)

Melo cita duas características fundamentais da crônica:

- 1) Fidelidade ao cotidiano, pela vinculação temática e analítica que mantém em relação ao que está ocorrendo, aqui e agora; pela captação dos estados emergentes da psicologia coletiva.
- 2) Crítica social, que corresponde a “entrar fundo no significado dos atos e sentimentos do homem”. Diz Antônio Cândido que essa tarefa o cronista realiza de modo dissimulado, pois ele “mantém o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior conseqüência; e, no entanto, não apenas entra fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas pode levar longe a crítica social”. Esse é um traço essencial da crônica moderna,

que assume o ar de “conversa fiada”, de apreciação irônica dos acontecimentos. (MELO, 2003:156)

Coutinho divide a crônica em cinco classificações de acordo com a estrutura do texto:

Crônica narrativa – seu eixo é uma estória ou episódio, o que a aproxima do conto contemporâneo (sem possuir necessariamente começo, meio e fim); exemplos típicos são encontrados em Fernando Sabino.

Crônica metafísica – constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico; são meditações sobre os acontecimentos e sobre os homens, como é o caso de Machado de Assis e de Carlos Drummond de Andrade.

Crônica-poema-em-prosa – de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios carregados de significação; seus principais cultores foram Álvaro Moreyra, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Ledo Ivo, Eneida, Raquel de Queiroz.

Crônica-comentário – resenha de acontecimentos diferentes e díspares, tomando o aspecto de “bazar asiático”. Muitas crônicas de Machado de Assis e de José de Alencar pertencem a esse tipo.

Crônica-informação – divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros; aproxima-se do tipo anterior, sendo menos pessoal. Lourenço Diaféria e Flávio Rangel produziram hoje crônicas que se enquadram nessa espécie. (COUTINHO apud MELO, 2003:158)

GÊNERO LITERÁRIO OU JORNALÍSTICO?

Inserida nos fatos contidos no jornal, a crônica ora é considerada elemento jornalístico ora uma invasora do mundo real com narrativas líricas e fantasiosas.

Mesmo como invasora, a crônica leva praticidade aos jornais e identificação com os leitores, a crônica, como Cândido (1992) admite, ajuda o leitor corriqueiro a se aproximar mais, não de uma literatura pragmática e convencional mas, em um país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloqüência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade.

Por isso mesmo, Cândido afirma que a crônica consegue transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, é possível verificar que a sua durabilidade pode ser maior do que se imagina.

Além disso, Melo aponta diferenças entre a literatura e a crônica que acabam por se complementar:

É claro que, se a literatura não precisa, em princípio, de nenhum compromisso com a realidade histórica, o mesmo já não pode ocorrer com a crônica, cujo motor de arranque é o cotidiano. A possibilidade de o cronista inventar incidentes e contar histórias traz para as páginas do jornal um fazer literário por excelência que permite criar um outro real. Dar abrigo a emoções e a fatos inventados ou recuperados pela memória parece ser a grande arma da crônica na captura do interesse do leitor, convidando-o para um tipo diferente de mergulho no real, mais ameno e prazeroso, quiçá mais profundo. Para o leitor, a crônica funcionaria como descanso, pois, a partir de um evento qual, em linguagem que tende para a ambigüidade, para a plurivocidade, o cronista tece um texto que pode atingir a categoria de ficção. (MELO, 2003:33)

Antônio Coutinho (1971) defende a crônica que pende mais para a natureza literária e também reforça que o fato de ser publicada em jornal não é sinônimo de pouco valor, pois, enquanto o jornalismo possui objetivo no fato, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, que é utilizado para que o escritor retire suas virtuosidades de estilo, espírito, graça, ou seja, de suas faculdades inventivas. A crônica é na essência uma forma de arte da palavra.

Coutinho ressalta ainda a importância que o gênero vem assumindo também na literatura. Seguindo o seu desenvolvimento histórico, desde o Romantismo, comprova-se o esforço com que veio abrindo caminho, até se tornar um gênero atual bem individualizado graças ao trabalho de artistas de categoria superior.

No entanto, Roncari acredita em uma crônica literária feita para a atividade cotidiana e corriqueira do jornal:

A crônica realiza seu verdadeiro ser na brevidade dos jornais, mas espera repousar dessa passagem agitada e curta no livro que a lembre e recorde, como a imagem de quem foi um dia. A vida real da crônica, desse modo, está no órgão para a qual foi pensada, por mais que o cronista mantenha um olho no futuro livro que a reunirá num novo corpo. (RONCARI, 1985:13)

Cândido concorda que esse gênero:

não foi feito originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade. (CÂNDIDO, 1992:14)

Compiladas em um livro, a crônica permite que os leitores futuros conheçam as características e as inquietações que transformaram o seu passado, a sua cultura e o mundo em que vivem.

Para Melo (2003), a crônica está associada ao que é encontrado nas páginas de jornal. Sua principal motivação é o conjunto dos fatos que o jornal acolhe em suas páginas e colunas. É deles que a crônica irá buscar sua ironia, deslumbramento e dimensão poética que a teia jornalística convencional não utiliza.

Sábato (apud JORGE, 2005) entende que o escritor deve lutar por aquilo que crê e sente enquanto o jornalista está restrito às pautas que recebe de seu editor, podendo a criatividade e opinião.

No entanto, um dos fatores que contribuíram para a ausência do teor literário nos jornais de hoje, segundo Daniel Piza (2005) ocorreu com o processo de modernização da linguagem jornalística que até então era retórica e personalista. Nos anos 60, os reformadores da escola americana transformaram a notícia em textos mais objetivos, menos participantes e, principalmente, concentrando em editorizá-los. Nos anos 80, uma nova modernização que seria fixada nos anos 90: textos relatoriais, burocráticos, com pobreza de palavras e recursos.

Com a chegada do século 20, uma nova ferramenta transformou ainda mais a relação da crônica com os meios de comunicação. É a internet que chega para mudar o conceito tanto de jornalismo factual quanto o de jornalismo literário.

ANÁLISE DOS IMPRESSOS

Os espaços dedicados às crônicas são constantes nos dois impressos analisados. O Jornal de Londrina possui dois cronistas fixos. Paulo Briguet, que tem seus textos publicados às segundas, quartas e sextas-feiras, é um jornalista que nasceu no interior de São Paulo; veio a Londrina para estudar na

Universidade Estadual de Londrina, adquirindo características e qualidades regionais. Domingos Pellegrini, com textos publicados aos domingos, é um experiente escritor londrinense e envia textos também para a revista Globo Rural.

Já a Folha de Londrina alterna, toda quarta-feira, dois textos de diferentes escritores. Durante o período analisado, foram publicados os seguintes autores:

Dia 19 de Setembro: Daniel Colombo, escritor argentino e autor do livro de auto-ajuda “Histórias que fazem bem”; Ewaldo Schleder, jornalista de Curitiba.

Dia 26 de setembro: Fernando Borghi, escritor de Arapongas e autor de dois livros independentes; Alberto Chahaiara Sobrinho, bancário aposentado e escritor amador.

Dia 3 de outubro: Ewaldo Schleder, mesmo autor publicado no dia 19 de setembro; Sérgio Tadeu Furlan, comediante em Arapongas e autor dos livros de contos de humor “A vaca que miava” e “Mamãe Heavy Metal”

O contraste entre a publicação de crônicas entre os dois jornais foi claro: dos dias 17 de setembro a 7 de outubro, três edições da Folha de Londrina publicaram seis textos. Já o Jornal de Londrina publicou, em doze edições, doze textos de autores londrinenses.

A coluna de Paulo Briguet possui 32,5 X 4,5 cm enquanto para Pellegrini é reservado um espaço de 36,8 X 9,8 cm. A coluna de Domingos Pellegrini é publicada sempre na página 21 do jornal enquanto a de Paulo Briguet não possui espaço fixo, sendo alternada entre as editorias;

Já a Folha de Londrina começou a publicar, em setembro de 2007, duas crônicas entre 20 a 27 X 12,5 cm cada, todas as quartas-feiras, no Folha 2, um caderno destinado às notícias de cultura, música e arte. A cada semana, são escolhidos dois cronistas de diferentes regiões e estilos para ilustrarem a coluna. A estréia da coluna “Crônicas”, como é intitulado o espaço, foi com um texto do escritor da Academia Brasileira de Letras Moacyr Scliar, que cedeu sua crônica gratuitamente para a publicação.

O jornal publica a seguinte nota no espaço:

Crônicas é a coluna da FOLHA2 publicada todas as quartas-feiras. A cada semana o leitor será brindado com diferentes autores. Os

textos, com no máximo 50 linhas, devem ser encaminhados com telefone de contato e foto para folha2@folhadelondrina.com.br.
(FOLHA DE LONDRINA, 2007, p.7)

Segundo Giovana Kindlein, editora da Folha2, a coluna destina-se aos escritores, jornalista e autores que, de alguma forma, tenham uma ligação direta com o gênero. Além disso, visa a divulgação de trabalhos literários ao oportunizar espaço gratuito para este gênero. A editora ainda afirma que não há distinção de temas entre os textos publicados, que transitam entre cultura, comportamento, informação, atualidades ou tendências.

Geralmente, são publicados textos de reconhecidos escritores do cenário estadual e nacional com a anuência dos próprios autores. Normalmente são escritores ligados às editoras que estão promovendo lançamentos literários.

Com esta declaração, a Folha de Londrina transforma o espaço, que deveria ser democrático, em uma opção mercantilista aos escritores, no qual geralmente utilizam a coluna para promover livros, muitos fora de contexto com o gênero.

Além disso, esses critérios contradizem o perfil do cronista ligado diretamente às pautas do jornal. Como Luis Roncari (1985) explica, do cronista que realiza seu verdadeiro ser na brevidade dos jornais e no diálogo com as notícias diárias do impresso.

No dia 19 de setembro de 2007, uma das crônicas foi “Perseverança” do argentino Daniel Colombo, autor do livro de auto-ajuda “Histórias que fazem bem”, apresentador de programas de rádio e televisão e que, hoje, leciona cursos e treinamento para altos executivos de multinacionais. Colombo desenvolve um texto com exemplos de figuras históricas que não alcançaram o sucesso logo na primeira tentativa como Beethoven, Walt Disney e Albert Einstein, sendo cada parágrafo dedicado à história de um perseverante.

Por ser um escritor de auto-ajuda e ter inserido esta característica em seu texto, Colombo não se comporta como um típico cronista pois contraria as definições do gênero feitas por Arrigucci Jr. (1987, p.53), que defende a crônica com “espessura de texto literário ao elaborar uma linguagem interna mais complexa, com penetração psicológica e social, força poética, humor e, como resultado, uma forma de conhecimento da realidade e história de uma sociedade”.

Colombo não resgata fatos do cotidiano ou mesmo pautas atuais dos meios de comunicação. Ao contrário, resgata um assunto na área em que obteve sucesso com a publicação de livros e que vêm ganhando espaço nas livrarias: a auto-ajuda.

Desta forma, ao publicar textos que contrariam a definição de crônicas, o jornal divulga uma idéia equivocada em relação ao gênero, o que resulta em uma desvalorização e até mesmo perda de identidade do gênero. Por falta de informação histórica e tradicional sobre a crônica, muitos leitores não sabem definir o que se encaixa com credibilidade no gênero e acabam perdendo o interesse por este tipo de publicação.

Colombo termina o texto com uma frase-jargão de Henry Ford, criador da Ford: “Se você acha que pode, ou se você acha que não pode, em todo caso você está certo”. (COLOMBO, 2007, p.7) Além de dirigir-se a área mercadológica, ao citar Ford, Colombo não se atém a nenhuma região específica, o que, de certa forma, torna-o universal. Porém, essa característica não condiz com os grandes cronistas como Rubem Braga, Mário de Andrade que, como cita Cândido (1992), sempre escreviam em tom de coisa familiar, ou seja, buscavam a realidade próxima para criar suas crônicas.

A segunda crônica publicada no dia 19 de setembro é de autoria do jornalista curitibano Ewaldo Schleder. Os parágrafos de Schleder são desconexos e causam até mesmo certo desentendimento ao leitor, como exemplo nos trechos:

Não haverá mais sopa de pedra. A louca vai recolher todas, uma por uma. Até aquela do tamanho do mundo, diz a louca. E se alguém quiser bater na louca, pegar na louca, exigir dela uma pedra, ela dirá: - Ta bão... ta bão, minha pedra é o mundo, leve pra casa então... e vê se me deixa em paz.

(SCHLEDER, 2007, p.7)

Assim como ocorreu com Colombo, a crônica de Schleder incorre no mesmo problema de desvalorização do gênero. Cândido (1992) insiste que o cronista deve assumir o papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica, o que não acontece em um texto como o de Schleder, que possui mínima transição com a realidade e os fatos cotidianos.

Além dos autores da Folha de Londrina analisados com mais profundidade, os demais textos seguem os mesmos contextos já definidos, ou seja,

pouco tem a ver com o gênero tradicional, além de existir uma carência de regionalidade e identificação com o leitor.

Durante o período de coleta das crônicas, no dia 3 de outubro, o jornalista Paulo Briguet publicou “Homens e máquinas”, um texto que também remete à impressão de idéias isoladas e desconexas. A composição do texto de Briguet é até mesmo feita por parágrafos separados entre si por três pontos.

No entanto, a diferença entre Schleder e Briguet é que este último alcança uma reflexão social. Briguet passeia entre assuntos políticos, sociais e até mesmo entre sua relação com as máquinas e um cachorro que, respectivamente, comeu sua melhor camisa e um óculos de seu amigo, como se escrevesse frases soltas assim que elas viessem a sua cabeça.

Mesmo assim, Briguet conecta estes assuntos a partir de comparações ou semelhanças entre as idéias, como é possível notar nestes trechos:

Hoje estou com vontade de citar norte-americanos. Há uma bela frase do escritor Mark Twain: “Recolha um cão de rua, dê-lhe de comer e ele não o morderá: eis a diferença fundamental entre o cão e o homem”. (...) Só para ninguém dizer que não citei um brasileiro, reproduzo aqui um comentário do técnico da seleção de basquete feminino, em entrevista recente: “Há três tipos de pessoas: aquelas que aprendem com os próprios erros; aquelas que aprendem com os erros dos outros; e aquelas que não aprendem nem com os próprios erros”.

(BRIGUET, 2007, p.4)

Cândido (1992) diz que “o cronista parece dizer coisas sem maior conseqüência e, no entanto, entra no significado dos atos, sentimentos e, principalmente, a uma crítica social”. Briguet mantém este costume ao encerrar a “Homens e máquinas” com a conclusão do que foi exposto no primeiro parágrafo:

PRIMEIRO PARÁGRAFO: “A máquina de lavar comeu minha melhor camiseta. O cachorro comeu os óculos do meu amigo Mantovani. O governo comeu cinco meses do meu salário”.

...

ÚLTIMO PARÁGRAFO: “O cachorro que comeu os óculos do meu amigo, embora não pertença à raça humana, vai aprender com seu próprio erro. O governo erra e não aprende com os próprios erros. Esse é o problema do estado brasileiro: para matar a própria fome, ele devora – ou escraviza – a própria sociedade que o gerou.”

(BRIGUET, 2007, p.4)

Em relação aos cronistas do Jornal de Londrina, existe uma identidade maior com a cidade já que Paulo Briguet e Domingos Pellegrini possuem identidade londrinense e geralmente pautam a região em seus textos.

Londrina é um personagem ativo nas crônicas de Pellegrini. O autor frequentemente associa suas lembranças da infância e juventude à cidade e enfoca a tradição de terra vermelha e safras de café que permeavam a cidade no início.

Já Briguet utiliza a cidade como pano de fundo para suas histórias. Londrina é cenário dos tempos de militância na Universidade Estadual de Londrina, de conversas nos botecos da cidade. Apesar de ter nascido no interior de São Paulo, é no movimento de Londrina que Briguet constrói sua vida de cronista.

A característica tradicional de Pellegrini pode ser vista na crônica “Museu do Café”, do dia 30 de setembro. O escritor conheceu o Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte e diz ser um museu que dá orgulho a todo brasileiro por ser um acervo organizadamente coletado durante décadas. É assim que Pellegrini chega ao Museu do Café, em Londrina.

O escritor, por meio das palavras, cria um novo Museu onde os visitantes poderão ouvir música e tomar um café fresco de um torrador de café manual que estará sempre ligado para exalar o cheiro do grão.

O cronista escreve que as pessoas irão passear por sacas de café que, estrategicamente, dividirão as alas do museu. Ao fim, conclui: “Fica a idéia, a utopia e a esperança: que um dia possamos encher os olhos e os ouvidos, e sentir o aroma e beber História e cidadania gostosamente no Museu da Café de Londrina” (PELLEGRINI, 2007, p.21).

Nanami Sato (2005), diz que “a possibilidade de o cronista inventar incidentes e contar histórias traz para as páginas do jornal um fazer literário por excelência que permite criar um outro real”. Como descreve Marques (2003), ao pender para a ambigüidade o cronista publica um texto que pode atingir a categoria de ficção, como ocorre em “Museu do Café” quando o autor descreve um novo museu histórico para Londrina.

Nesta crônica, Pellegrini defende também uma característica primordial dos cronistas: a de valorizar as sensações da vida, as lembranças e os devaneios de sentimentos. Esse valor envolve a relação entre a crônica e o jornalismo que, como cita Manuel Ángel Vázquez Medel (2003), tem na crônica uma

dimensão lúdica e frutiva, encaminhada para o essencial humano, enquanto para o jornalismo aponta o efêmero e passageiro.

Na crônica do dia 1º de outubro, “Meninas do Brasil”, Paulo Briguet também honra o lado humano da informação factual ao transformá-la em literatura inserindo adjetivos, frases poéticas e, claro, uma lição ao final quando justifica a derrota das atletas do futebol na Copa do Mundo:

Mas o que me atrai nas meninas do Brasil não é o caráter de máquina. É, pelo contrário, essa qualidade humana, demasiado humana, de produzir beleza e sofrimento, paixão e explosão, erro e acerto. (...)

A palavra “entusiasmo” significa literalmente “estar cheio de alma”. É o que fizeram pelos amantes do bom futebol. Eu não trocava essa derrota por nenhuma vitória sem alma.

(BRIGUET, 2007, p.5)

No dia 23 de setembro, Pellegrini publicou o texto “Cidadanê”, no qual uma filha pequena dá conselhos de pré-natal à mãe, que espera o segundo filho. Pela idade, a menina possui um grande repertório de informações adquiridas pelo avô e, devido à modernidade, principalmente pela televisão e internet.

Nesta crônica, a filha exige da mãe seus direitos como cidadã. Por meio de uma conversa simples entre mãe e filha que discutem o futuro da nova criança que irá nascer, Pellegrini adquire o papel de educador e formador de opinião para seu leitor. O escritor se encaixa nas definições de Rocha (s/d, p. 122-123) quando este afirma uma crônica com função educativa, com indicação expressa das pessoas a quem se dirige e registro do mundo onde o cronista vive. Dentro desse contexto, Pellegrini expõe um sentido explicativo, mostrando o talento do cronista que utiliza a ironia e outros meios para explicar os fenômenos que ocorrem e mostrar ao leitor outras formas de encarar os acontecimentos. A crônica deve preencher, portanto, funções pedagógicas, de esclarecimento e orientação.

Assim como, para Cândido (1992), em uma conversa aparentemente fiada em torno de questões secundárias o cronista reflete uma trégua necessária à vida social. Para Lopes (apud CASTRO e GALENO, 2005, p. 150), “o cronista observa a realidade para julgá-la e procurar extrair um comportamento social”.

Pellegrini também tem o costume de, em alguns momentos, voltar a sua juventude e escrever suas memórias, e como Melo (2003) descreve, o cronista

dá abrigo a emoções e a fatos recuperados pela memória para capturar o interesse do leitor, como acontece no seguinte trecho de Pellegrini:

Meus pais se separaram por alguns anos e, por isso, minha primeira lembrança escolar é do Grupo Escolar João Mendes, em Assis, SP, desenhando com os dedos duros de frio. Desenhei uma casinha infantil, com fumaça saindo da chaminé para um céu com sol e nuvens, trilha saindo da porta até o rio, e uma cerca de balaústre dividindo a página entre céu e terra. Eu não sabia que naquele desenho estavam símbolos da sociedade rural que começava a desmoronar. (...) Também não podia imaginar que a separação de meus pais apenas anunciava a transformação em massa das famílias, que meio século depois são na maioria formadas por pais e filhos gerados por mais de um casamento ou mesmo unidos sem formalidades casamentais.

(PELLEGRINI, 2007, p. 21)

Briguet também possui essa afinidade em suas crônicas. Aliás, o cronista pode ser definido por sempre voltar a juventude e aos tempos de faculdade para comparar suas idéias antigas e prematuras com o amadurecimento que adquiriu ao longo dos anos. O cronista geralmente conclui uma lição ou moral que se aprende com a experiência dos anos, como é possível observar nos seguintes trechos:

Lá pelos 21 anos, eu adorava participar dessas coisas [conferência]. Pedir a palavra e falar em microfone era comigo mesmo. É que eu estava cheio de razão. Quer dizer: acreditava estar com a razão. Depois descobri que era auto-engano – e passei a concordar com a frase do Delfim Netto: É impossível demonstrar o Teorema de Pitágoras numa assembléia.

(BRIGUET, 2007, p.4)

No entanto, para Briguet, essa característica de cronista já experiente que relembra o seu passado ou narra sua rotina, em alguns casos, ultrapassa a fronteira de um texto pessoal. O cronista expõe lamentos ou relatos que pouco irão acrescentar ao repertório de conteúdo para o leitor, como no seguinte trecho:

Neste momento estou sentado sobre uma cadeira de metal, com assento de espuma. Desconfio que sou incapaz até mesmo de fazer um banquinho de madeira, daqueles que o pessoal usa em churrascos como suporte de pratinhos de plástico. E que segredo sei eu de plásticos? Plástico e vidro continuam sendo grandes

enigmas para mim. Um inseto compreende a natureza do vidro tão bem quanto eu. E eu também não entendo de insetos.

(BRIGUET, 2007, p.4)

Este é um exemplo de parágrafo em que Briguet divaga em idéias sem sair do seu alcançar o universal. Outros exemplos de pessoalidade e, principalmente, a utilização em primeira pessoa publicada pelo cronista:

A você que começou a ler esta crônica, só posso dizer obrigado. A você que leu a anterior; a você que talvez leia a próxima; a você que continua lendo só para saber que besteira vou dizer hoje – a todos vocês, obrigado.

Agradeço a vocês que me chamavam para jogar futebol mesmo sabendo que eu era grosso; a você, boa senhora, que me deu água naquele dia em que tinha muita sede e estava longe de casa, no Jardim Nova York (eu morei lá); a você, mulher, que me escolheu entre a multidão de homens no mundo.

(BRIGUET, 2007, p.4)

Justamente por ser um indivíduo que, a partir de seus gostos e rotinas, publica um texto conectado a assuntos em pauta, é ideal que um veículo possua, no mínimo, de dois a mais cronistas com pontos de vistas e personalidades divergentes entre si, para que haja maior proporção de cumplicidade e identificação do cronista com o leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema do estudo surgiu pela observação cotidiana, mas ainda superficial, das crônicas publicadas na Folha de Londrina e Jornal de Londrina. Deste acompanhamento, surgiu a hipótese de que os jornais, apesar de publicarem o gênero, não valorizavam e, em alguns casos, até mesmo deturpavam o sentido da crônica.

Com o aprofundamento teórico sobre o gênero, utilizando os principais autores da área, como Antônio Cândido e Afrânio Coutinho, foi possível traçar um histórico e conceito de crônica para, posteriormente, analisar os autores que são publicados nos impressos escolhidos.

Logo no início do estudo teórico, foi possível notar que a crônica exerceu importante papel na formação da cultura brasileira: os cronistas

participavam da sociedade, escreviam textos sobre a crítica social do país ao mesmo tempo em que aparentavam escrever apenas impressões pessoais.

Na tentativa de transferir estas características para as crônicas publicadas atualmente na Folha de Londrina e Jornal de Londrina, alguns obstáculos foram encontrados. A Folha de Londrina possui uma coluna recente, com cerca de dois meses, para o gênero e, ainda, publica apenas autores do cenário estadual e nacional, fato que não permite a construção de uma identidade regional para o gênero no impresso.

Além disso, geralmente os escritores divulgam textos que vão de contos a textos de auto-ajuda, que não se encaixam nas características da crônica. Além disso, como afirma a editora do caderno no qual as crônicas são publicadas, são autores que publicam textos para promover o recente lançamento de seus livros. Ou seja, o espaço ganhou um sentido mercantilista às suas publicações.

Para a Folha de Londrina, o caminho é valorizar produções regionais e dar a oportunidade e espaço para novos profissionais da área desenvolverem o gênero de maneira constante.

O Jornal de Londrina possui um nível de valorização maior ao publicar dois autores que possuem coluna fixa no impresso e, principalmente, identidade regional com a cidade quando relacionam seus textos às pautas do jornal. Cada um possui uma relação diferente com Londrina e expõe estas visões de forma lírica, como exige o gênero.

No entanto, em algumas publicações, o cronista Briguet ultrapassa o limite de pessoalidade e expõe relatos que pouco induzem o leitor a uma reflexão. Por ser um autor mais individualista em suas idéias, o ideal seria que o jornal dividisse, ou abrisse, novos espaços a cronistas que possuem estilos de texto e conceitos diferentes.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Enigma e comentário. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
_____. **Achados e perdidos**. São Paulo: Pólis, 1979.

BRIGUET, Paulo. **Homens e máquinas**. JORNAL DE LONDRINA, 2007, p.4

_____. **As meninas do Brasil**. JORNAL DE LONDRINA, 2007, p.5

_____. **É chato**. JORNAL DE LONDRINA, 2007, p.4

_____. **Sinceramente**. JORNAL DE LONDRINA, 2007, p.4

_____. **Confissões de um cara patético**. JORNAL DE LONDRINA, 2007, p.4

CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: Cândido, Antônio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CASTRO, Gustavo e GALENO, Alex (org). **Jornalismo e Literatura – A sedução das palavras**. 2ª edição. Ed. Escrituras, São Paulo-SP, 2005

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e Crônica. In: **A literatura no Brasil**, v.6. 2.ed., Editorial Sul-Americana, 1971, p.110-111

COLOMBO, Daniel. **Perseverança**. JORNAL DE LONDRINA, 2007, p.7

JORGE, Franklin. Os escritores e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.) **Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra**. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005, p.109-113

MEDEL, Manuel Ángel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.) **Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra**. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005, p.15-28

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**. 3.ed. Campos do Jordão-SP: Mantiqueira, 2003

MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.) **Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra**. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005

MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.) **Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra**. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005, p.163-171

PELLEGRINI, Domingos. **Museu do Café**. JORNAL DE LONDRINA, 2007, p.21

_____. **Primeira lembrança**. JORNAL DE LONDRINA, 2007, p. 21

_____. **Cidadanê**. JORNAL DE LONDRINA, 2007, p. 21

PIZA, Daniel. Jornalismo e Literatura: dois gêneros separados pela mesma língua. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.) **Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra**. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005, p.133-137

ROCHA, Nuno. Editorial, crônica e funções do Director, In: PRAÇA, José e TEIXEIRA GOMES, José Maria. **Jornalismo ao vivo**. Lisboa. Encomendi, s/d. p. 122-123

RONCARI, Luiz. A estampa da rotatividade na crônica literária. In: **Boletim bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade**. Vol. 46, jan./dez., 1985

SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.) **Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra**. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005, p.29-45

SCHLEDER, Ewaldo. **As pedras da louca**. FOLHA DE LONDRINA, 2007, p.7